

Coletivo reúne autistas adultos

O Coletivo Autista da Unicamp já conseguiu reunir, desde outubro de 2021, outras 56 pessoas com a mesma identificação e despertou a atenção para o diagnóstico do autismo em pessoas adultas

DIAGNÓSTICO

Cintia Magno

Quando recebeu o diagnóstico de autista aos 37 anos de idade, o doutorando Guilherme de Almeida sentiu a necessidade de buscar os seus pares, de buscar se entender enquanto homem adulto que se descobre autista. A procura por essa identificação iniciou dentro da instituição onde ele já estava inserido, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a partir da criação do Coletivo Autista da Unicamp (CAU-Camp) que, desde outubro de 2021, já conseguiu reunir outras 56 pessoas com a mesma identificação e despertou a atenção para o diagnóstico do autismo em pessoas adultas.

Fundador e atual coordenador-geral do CAU-Camp, Guilherme de Almeida lembra que a ideia de iniciar o coletivo nasceu de uma necessidade. “Eu me vi com o diagnóstico de autista aos 37 anos em uma universidade como a Unicamp e ali eu fui buscar os meus pares”, lembra o doutorando em educação, hoje com 39 anos. “A Unicamp é uma universidade muito grande e tem os seus coletivos étnico-raciais, seus coletivos LGBTQIA+, os seus coletivos feministas e eu fui em busca de um coletivo autista ou de um coletivo para pessoas com deficiência, algo nesse sentido, mas eu não encontrei um suporte de uma forma organizada que eu pudesse trocar algumas impressões, algumas experiências”.

Pesquisando sobre coletivos autistas, Guilherme tomou conhecimento de grupos em outras instituições no país e, em contato com eles, percebeu que a primeira etapa para se criar um grupo seria encontrar as outras pessoas que estavam na mesma condição que ele. “Eu criei, primeiramente, o perfil no Instagram e daí, com o apoio da Associação das Pós-Graduandas e Pós-Graduandos da Unicamp e do Diretório Central dos Estudantes (DCE), a gente mandou um e-mail com um formulário de mapeamento para encontrar quem eram esses sujeitos na universidade e tentar buscar saber se eles estavam organizados de alguma forma ou não”.

Dentro desse processo de busca por outras pessoas autistas dentro da universidade, o grupo se depa-rou com uma situação muito presente nos relatos dos que respondiam ao questionário e que está presente, também, na história do próprio Guilherme, a dificuldade de se ter um diagnóstico correto sobre adultos no espectro autista. “Fazer avaliação diagnóstica de adultos é muito complicada. Muitas vezes a gente vai, ao longo da vida, desenvolvendo



EM IMAGENS 1 Guilherme de Almeida 2 Mayck Hartwig FOTOS: DIVULGAÇÃO

máscaras para fingir determinado comportamento e isso é comum na sociedade, mas para a gente isso é feito de forma mais acentuada porque nós temos que gastar uma energia muito grande para ter essa máscara para coisas elementares do dia a dia, como assistir uma aula, frequentar a universidade, trabalhar”.

PARCERIAS

Guilherme explica que, nos questionários, as pessoas que respondiam ao coletivo sinalizavam já ter recebido o diagnóstico de autismo ou que acreditavam apresentar características que se enquadravam no espectro autista. Para quem ainda não tinha o diagnóstico fechado, o grupo sempre teve a preocupação de explicar que ele só pode ser feito por um profissional qualificado para tal. Foi então que o CAUCamp buscou parcerias com profissionais especializados que possibilitassem a realização das consultas encaminhadas pelo coletivo por valores sociais. Com isso, de outubro de 2021 até o presente momento, o grupo já encaminhou cerca de 70 pessoas para os profissionais, entre

alunos, professores e funcionários da Unicamp.

O doutorando lembra que ainda são muito poucas as organizações que tenham um serviço orientado para adultos autistas no Brasil, o que acabou gerando uma repercussão nacional para o trabalho que vem sendo realizado no CAUCamp.

“Massivamente, as instituições apoiadoras de autismo são voltadas para o atendimento de crianças, o que é muito bom porque quanto antes se diagnosticar, melhor é o desenvolvimento da criança a longo prazo”, considera. “Mas a gente não pode esquecer que existe uma série de pessoas, como eu mesmo e de outras gerações mais antigas, que não tiveram acesso a esse tipo de diagnóstico e que, como eu, nunca imaginaram que isso poderia ser a sua questão”.

Guilherme considera que, nesse processo de busca pelo diagnóstico correto, muitos adultos autistas acabam enfrentando a falta de conhecimento sobre o assunto mesmo entre os médicos. “A gente busca uma orientação especializada e, muitas vezes, um psiquiatra ou um neurolo-

gista fala que você não é autista porque você fala, porque você está conversando com ele. É um equívoco muito grande porque existem, realmente, diferentes graus de autismo e diferentes habilidades que podem ser adquiridas ao longo da vida”, considera.

“Outra questão que surpreende muito, negativamente, é de médicos que falam para a gente que é adulto e busca um diagnóstico: ‘mas por que você quer isso na sua idade? Você viveu até agora sem...’. Ninguém imagina que, se você tem um problema cardíaco e vai no cardiologista, ele vai perguntar por que você quer o diagnóstico disso se você viveu a vida inteira sem ele”.

No caso de Guilherme, o diagnóstico de autismo contribuiu para que ele não apenas pudesse procurar um acompanhamento adequado para buscar uma melhor qualidade de vida, mas também para que ele compreendesse algumas atitudes adotadas por ele ao longo da vida. “Pelo menos para mim serviu muito para que eu pudesse fazer as pazes com o passado. Muitas vezes, no passado, eu ficava pensando: por que eu fiz isso ou aquilo? Eu fiz isso porque, com o que eu sei sobre mim mesmo, eu não poderia ter feito diferente”, aponta, ao explicar que, ao longo da vida teve diagnósticos incorretos sobre a sua condição, sendo diagnosticado como depressivo desde os sete anos de idade.

O mestre e doutorando em educação reforça que é importante lembrar que o diagnóstico é o primeiro passo para a busca de uma sociedade mais inclusiva. “A partir do diagnóstico você vai conseguir buscar romper as barreiras de acessibilidade que te impedem de ir adiante na vida acadêmica, no trabalho. O importante mesmo é que aconteça a inclusão plena. Quando todos os organismos, sejam públicos ou privados, estejam preparados e aptos para receber as pessoas em todas as suas diferenças. Essa é a grande questão”.

Diagnóstico deve partir de avaliação baseada em evidências

Um dos parceiros do Coletivo Autista da Unicamp, o mestre e doutorando em psicologia e pesquisador no Núcleo de Ações e Reflexões em Neuropsicologia do Desenvolvimento (PPGP/UFRJ), Mayck Hartwig explica que não há nenhum exame específico com um marcador biológico único que possa indicar que a pessoa seja ou não autista. Nesse sentido, o diagnóstico do autismo é puramente clínico. “A gente faz um rastreio das características do autismo em adultos e, assim como na infância, a gente vai utilizar alguns instrumentos que vão servir de apoio para a nossa avaliação clínica”, explica. “A gente chama isso de avaliação clínica baseada em evidências, que é utilizar um instrumento validado para uma população específica para a gente aferir determinadas características e comportamentos dessa pessoa”.

Na infância, o psicólogo aponta que, geralmente, esse diagnóstico é feito pelo neuropediatra. Na fase adulta, muitas vezes esse diagnóstico ocorre em situações em que o pai ou a mãe levam a criança para um diagnóstico de autismo e se percebe que o pai ou a mãe também tem ali características que podem sinalizar o autismo. O que não se pode deixar de considerar é que tais características podem variar consideravelmente de acordo com cada indivíduo. “Quando se fala do autismo, se está falando de uma condição que é muito heterogênea. Então, a manifestação do quadro clínico e as características da pessoa vão variar muito”, explica ele, que é especializado em autismo em adultos. “A gente vai ter algumas características que são, principalmente, a dificuldade na comunicação social, motivação social e a dificuldade relacionada a comportamentos repetitivos e interesses restritos. Então, geralmente, a pessoa autista adulta vai ter um número de interesses mais restritos em relação a assuntos que ela quer se aprofundar, pode acontecer de ela ter dificuldade na interação social que às vezes é percebida, também, como uma ansiedade social, o

que acaba dificultando o diagnóstico na vida adulta”. A proximidade de algumas características com outras condições, como da ansiedade social, por exemplo, pode justamente levar muitos adultos a receberem diagnósticos equivocados ao longo da vida. Mayck Hartwig aponta que, geralmente, a pessoa que passa pelo diagnóstico do autismo na vida adulta, já recebeu vários outros diagnósticos ao longo da vida, como depressão, ansiedade, transtorno de borderline, transtorno bipolar, entre outros. “Geralmente, o adulto já vai ter passado por todos esses diagnósticos até que ele consiga chegar no diagnóstico de autismo. Ele vai ser aquele paciente que, normalmente, não responde muito bem à intervenção clínica, que vem com uma queixa de depressão de longo prazo e, quando ele passa por um processo de avaliação, acaba se verificando que existe, ali, uma hipótese de autismo”.

PROFISSIONAIS

Exatamente por isso, o psicólogo aponta que a avaliação do autismo na fase adulta precisa acontecer de uma forma multidisciplinar, incluindo psicólogo, psiquiatra ou neurologista. “A gente precisa de uma avaliação mais ampla para conseguir entrar em contato com todo o histórico de desenvolvimento dessa pessoa e rastrear indicadores de autismo ao longo da vida toda. Não se trata de uma condição que surge na fase adulta e sim um transtorno do neurodesenvolvimento, então, ele já acontece desde o período da infância”, considera. “Pelo fato de ser uma pessoa adulta que já passou por um longo período de interação social, às vezes acontece o que se chama de mascaramento, aqueles comportamentos socialmente habilidosos adotados para poder interagir com outras pessoas, mascarando determinados comportamentos do autismo, como os movimentos repetitivos, por exemplo. Justamente por conta desse mascaramento, ele acaba dificultando também a identificação do quadro”.

COLETIVO

Para que conseguisse identificar outras pessoas autistas inseridas dentro da Unicamp, o Coletivo Autista da Unicamp aplicou um questionário para buscar pessoas que já tinham o diagnóstico ou quem apresentavam características relacionadas ao autismo. Aquelas pessoas que, pelo questionário, relataram que tinham algum tipo de característica de autismo, mas que nunca tinham recebido o diagnóstico foram encaminhadas para avaliação de profissionais qualificados na área e que trabalhem em parceria com o coletivo, oferecendo consultas a preços mais acessíveis. Com isso, de outubro de 2021 até hoje, o coletivo já encaminhou 70 pessoas adultas para avaliação profissional.

Diário do Pará

Diretor Presidente
Jader Barbalho Filho

Fundador
Laércio Barbalho

Diretor Comercial
Nilton Lobato

Gerente Industrial
Dirceu Reis

Editor Responsável
Gerson Nogueira

Edição digital
certificada

ICP
Brasil

RBA

Uma empresa da RBA
Rede Brasil Amazônia

FILIADO AO

Instituto
Verificador de
Comunicação

IVC

ANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALIS-
TAS

Conselho Editorial: Jader Barbalho Filho, Gerson Nogueira e Mauro Bonna

Diretor de Redação
Clayton Matos

www.diariodopara.com.br
CALL CENTER
3084-0100

BELÉM - Rua Gaspar Viana nº 773, CEP: 66.053-090 - CNPJ: 04.218.335.0001-31 - Inscrição Estadual: 15.101.558-0.

As colunas de Jânio de Freitas, Ruy Castro, Hélio Schwartsman, Luiz Fernando Vianna, Bernardo Mello Franco, Marta Suplicy, Monica Bergamo, José Simão e Painel Político são publicadas simultaneamente, com o jornal Folha de S.Paulo. As colunas de Luiz Fernando Veríssimo, Carlos Alberto Sardenberg, Fernando Calazans e Lauro Jardim são publicadas simultaneamente com O Globo. Os artigos assinados não traduzem necessariamente a opinião do jornal.

O Diário do Pará utiliza material jornalístico fornecido pelas agências noticiosas Folhapress e O Globo.

REPRESENTANTES: SUCURSAL: São Paulo/Sul/Sudeste - Endereço: Av. Brigadeiro Faria Lima, 1461 - 4º andar Torre Sul - São Paulo-SP - CEP 01452-002 - Fones: (11) 3254-6307 E-mail: sucursal@rbadecomunicacao.com.br - Brasília - GO ON Tecnologia e Participações LTDA. Endereço: Setor Comercial Norte Quadra 01 bloco F sala 1618- Asa Norte, Brasília - DF, CEP 70711-905 - Fone: (61) 98470-5524 / (61) 30342004 - E-mail: gustavo@goonadgroup.com